

# EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA INGLESA EM NOMES DE ESPORTES: PROCESSOS NA CRIAÇÃO LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

Olandina Della Justina<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo traz uma leitura de como as unidades lexicais que nomeiam os esportes originados na língua inglesa são apresentados no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) e no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (DHLP). Com base teórica em Carvalho e Faraco (2011), Carvalho (2009, 1989), Correia e Almeida (2012), Ilari (2007), Biderman (2002, 2001) entre outros, tem por princípio analisar por quais processos esses empréstimos linguísticos passaram entre a língua de origem e a forma registrada no vocabulário e nos verbetes das fontes em análise. Ao mesmo tempo, observa a ausência de unidades lexicais de uso corrente.

**Palavras-chave:** lexicologia, estrangeirismos, língua inglesa.

## 1. Introdução

O estudo aqui apresentado filia-se aos princípios da lexicologia. Conforme Biderman (2001), a lexicologia é uma ciência que tem como objetos básicos de estudo a análise da palavra, a categorização lexical e a estrutura do léxico. Afirma também que os lexicólogos têm se dedicado ao estudo da criação lexical (neologismos). Em consonância com a voz da autora, o estudo atenta para como são apresentadas as unidades lexicais nominativas de esportes no VOLP e no DHLP com o objetivo de compreender as características dessas obras bem como os processos pelos quais passam as palavras oriundas da língua inglesa (doravante LI), tão presentes em nossa linguagem em uso.

Para constituirmos o artigo, inicialmente estabelecemos diálogos com as teorias que auxiliaram na compreensão do *corpus* de pesquisa, descrevemos o percurso do estudo

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Inglesa no Curso de Letras da UNEMAT, *Campus* de Sinop. Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT e doutoranda em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE de São José do Rio Preto-SP. É Coordenadora de Área do PIBID-LI-UNEMAT/Sinop. Participa do Projeto de Pesquisa Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso (DIVALIMT) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada (GEPLIA). E-mail: olandina2008@hotmail.com

e a coleta de dados e, finalmente, analisamos o conteúdo das duas obras sob o viés teórico apresentado por Carvalho (2009) com foco principal no registro escrito.

## **2. Pressupostos Teóricos**

### **2.1 Esporte: definição, perfil e linguagem**

Esporte é definido no Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss (2009) como “prática metódica, individual ou coletiva, de jogo ou qualquer atividade que demande exercício físico e destreza, com fins de recreação, manutenção do condicionamento corporal e da saúde e/ou competição; desporto, desporto”. Apresenta sua origem na LI (*sport*), inserido na língua portuguesa (doravante LP) em 1880.

Atualmente as práticas desportivas estão ligadas e mobilizam muitas áreas de atividades humanas incluindo as diversas ciências. Sua abrangência se estende à saúde, comunicação, economia, linguagem, ética, entre outras.

Grifi (1989, p. 11) relata que “a origem da prática esportiva, mediante a qual procura-se acrescentar a força e agilidade do corpo confunde-se com as mesmas origens históricas da humanidade”. Desta forma, podemos afirmar que a criação de muitos termos que compõem as diversas línguas pode se confundir com o nascimento da modalidade e/ou prática desportiva bem como os neologismos anexados às diversas línguas. Nestas circunstâncias, o universo dos esportes é também linguístico e entrelaçado com aspectos culturais, o qual demanda indispensável união.

Para Melo (2007), há duas grandes tendências quando se trata do esporte enquanto manifestação cultural: na primeira, são concebidos como já existentes na Antiguidade, sendo observados em jogos que egípcios, chineses e gregos praticavam; na segunda, há a compreensão de que é um fenômeno da modernidade, que possui sentidos e significados dos considerados “jogos pré-esportivos” praticados na Antiguidade. De forma mais sistemática, os esportes se constituem uma prática social desde o final do século XVIII até os dias atuais com características marcantes e observáveis nas diversas manifestações e modalidades.

Em termos técnicos, Stubbs (2012) classificou os esportes nas seguintes modalidades: atletismo, ginástica, esportes em equipe, esportes de raquete, esportes de combate, esportes aquáticos, esportes de inverno, esportes de pontaria, esportes sobre

rodas, esportes a motor, esportes com animais e esportes radicais. Cada modalidade congrega vários esportes diferenciados entre si pelas regras, táticas e técnicas, que determinam o seu perfil para que seja chamado por determinado nome.

É pertinente reforçarmos que os vários esportes e suas modalidades estão presentes na vida de todos nós, envolvem questões culturais, linguísticas, sociais, biológicas, econômicas e éticas. Os diversos eventos esportivos se consolidam como espaços de interlocução entre os diversos perfis e tendências que assume uma sociedade a qual está relacionada a cada indivíduo que pratica ou convive com as atividades desportivas. Percorrer a linguagem dos esportes significa adentrar em um universo linguístico que se flexibiliza em cada modalidade.

Na análise das unidades lexicais ligadas aos esportes, é lançado um olhar aos estrangeirismos da LI, largamente presentes na área esportiva, suas alternâncias, processos constitutivos e presença/ausência dos lexemas que estão em uso em nosso contexto sócio-linguístico-cultural. Evidentemente, os anglicismos e os processos pelos quais passaram não são restritos aos nomes de esportes, mas estão presentes em muitos outros vocábulos dentro da linguagem da área, desde vestuário, comandos, regras, etc. Entretanto, devido à amplitude que demandaria o estudo e a restrição de espaço de publicação, o recorte de pesquisa se limitou aos nomes de esportes apenas.

## **2.2 Origens e Constituição da Língua Portuguesa**

A LP tem raízes no latim vulgar, integrou o galeco-português, o qual se bifurcou formando o galego (variação do espanhol falado atualmente na Galícia) e a LP.

Vasconcelos citado por Cunha (1984), apresenta as seguintes etapas do latim até a LP atual: a) *Latim lusitânico* (da implantação do latim até o século V); b) *romance lusitânico* (século VI ao IX); c) *português proto-histórico* (século IX ao final do século XII, palavras do galeco-português aparecem intercaladas com o latim); d) *português arcaico* (princípios do século XII até meados do século XVI, em que a língua passa a ser codificada gramaticalmente, no século XIII os documentos passaram a ser redigidos integralmente em galeco-português); *português moderno* (segunda metade do século XVI até a atualidade).

Perini (2004) afirma que, em 1480, a língua pertencia a um pequeno país da periferia europeia. Poucos anos após, no marco histórico que representa o início da

colonização do Brasil, a situação da LP era outra. Em 1536, fazia parte de um país que estava em plena expansão, com potencial marítimo e forças para colonizar terras distantes. Cem anos depois, em 1580, já era uma língua mundial, presente em todos os continentes, sendo considerada a primeira língua a ter núcleos presentes neles.

Atualmente, considerando suas variações, a LP é língua oficial de dez países que se espalham por quatro continentes. Ao Continente Americano se incorporou com a colonização do Brasil, iniciada em 1500. Com o passar dos anos, modificou significativamente e constitui-se como uma de suas variedades que se difere em consideráveis aspectos da língua falada em Portugal e noutros países que a têm como oficial. É reconhecida como Português do Brasil (PB). Em solo brasileiro, à língua do colonizador foram incorporadas palavras das línguas indígenas, das línguas trazidas da África com os escravos, de imigrantes europeus (italianos, alemães e poloneses) e asiáticos (especialmente japoneses).

Carvalho (2009) afirma que a LP, mesmo sendo o quinto idioma do mundo em número de falantes e o sétimo em relação à ocupação territorial, ainda não é reconhecida pelos organismos internacionais como língua de trabalho.

No PB, a língua francesa se faz presente em palavras incorporadas quando sustentava a posição de língua franca, sobretudo em período anterior à Segunda Guerra Mundial. Até o final dos anos sessenta, ainda era disciplina presente nos currículos escolares, sendo aos poucos suplantada pela LI. Na fase moderna da língua, ainda os galicismos se fazem presentes, com maior ênfase na linguagem especializada dos vestuários, beleza, gastronomia, artes e comércio (*coiffeur, Le Postiche, à la carte, chef, gourmet*, etc.). Alguns esportes também têm a origem de seus nomes na língua francesa, tais como: acrobacia (*acrobatie*), atletismo (*athlétisme*), automobilismo (*automobile*), balonismo (*balon - f. + ismo*), ciclismo (*cyclisme*), dardo (*dard*), parkour (*parcours < parkour*) e esqui (*ski*).

Os vocábulos provenientes da LI fazem parte da formação do PB em maior proporção que os demais. É o maior número de empréstimos linguísticos em uso no nosso país. Dela trataremos no próximo item.

### **2.3 Origem e *Status* Atual da Língua Inglesa**

O inglês tem em sua constituição termos oriundos do latim, celta, germânico ocidental, línguas escandinavas, dinamarquês, francês, normando, entre outras, que são menos notadas em sua estrutura atual.

É a terceira língua mais falada no mundo em número de pessoas e está presente nos seis continentes sendo significativamente usada na condição de segunda língua ou língua estrangeira.

A língua, usada em todo o planeta como a língua franca da comunicação internacional, teve sua expansão decretada, especialmente, após a Segunda Guerra Mundial. As investidas da Grã-Bretanha e Estados Unidos, com objetivos políticos, econômicos, culturais e militares, deram impulso a sua difusão pelo mundo.

Hoje, o inglês é a língua mundial usada amplamente por pessoas falantes de outras línguas, em processo contínuo de expansão devido à globalização. Conforme Pennycook (1994), a Grã-Bretanha investiu na expansão da língua camuflando seus reais interesses – políticos e comerciais – como “propaganda cultural” por meio do Conselho Britânico, órgão do governo criado com o objetivo de expandir a língua e a cultura inglesa. Para o autor,

A maior influência dos Estados Unidos foi na era pós-guerra e, portanto, mais como poder neocolonial do que colonial. (...) Os Estados Unidos consolidaram o seu poder através de uma vasta organização de instituições – políticas, econômicas, acadêmicas e culturais (PENNYCOOK, 1994, p. 153).<sup>2</sup>

Remarca ainda o autor (1994) que, apesar do ensino da LI e sua expansão serem vistos como benéficos, neutros e naturais por algumas pessoas visando ao conhecimento linguístico e não ao domínio político, não é o que se verifica em materiais distribuídos pelo Conselho Britânico e USIS (*United States Information Service*), os quais deixam explícito que os países do Primeiro Mundo (dotados de inteligência, riqueza, competência) são exemplos a serem seguidos pelo terceiro mundo. Em outras palavras, devemos ficar atentos às ideologias que perpassam todo e qualquer material, seja didático ou de circulação na mídia.

---

<sup>2</sup> No original: “The greatest influence of the United States has been in the post-war era and thus as more of a neocolonial than as a colonial power. (...) The United States consolidated its power through a vast array of institutions – political, economic, academic and cultural.”

Moura (1984) também defende que a difusão da LI após a Segunda Guerra não foi aleatória. Obedeceu a um planejamento cuidadoso de penetração ideológica e conquista de mercado pelos Estados Unidos que pretendiam se estabelecer como potência mundial. O país teve um sucesso sem precedentes na exportação e uso de padrões de comportamento, gostos artísticos e hábitos de consumo.

É inegável que a LI se estabeleceu como língua global, alcançando o status de língua franca das comunicações internacionais alçando voo com a manifestação do grande poder de uma neocolonização linguística que não precisa mais conquistar territórios para exercer seu domínio econômico, político e cultural.

Entretanto, os supostos beneficiados não podem ser tomados de maneira unilateral, a LI e os anglicismos que se expandem pelo mundo não resguardam e nem sempre conservam as características da língua falada nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Comumente mudam suas características originais, assimilam modificações fonéticas, morfológicas, semânticas, sintáticas impressas em cada contexto no qual é usada dentro de um processo sincrético de uma língua que se mundializa e eis que surge uma nova língua: o *World English* ou *World Englishes*. Sobrepõem-se ao inglês nativo e tomam proporções gigantescas no universo das línguas.

Rajagopalan (2005) menciona que dois terços dos falantes de LI são não-nativos. Dentro desse processo, está a revisão do léxico de origem para se constituir no léxico em uso e aceito dentro da comunidade linguística, mesmo que a revisão se restrinja somente ao nível fonológico e, em determinados casos, as variações de alguns fonemas sejam quase imperceptíveis aos nossos ouvidos e em outros os fonemas da LI permaneçam, as diferenças são características predominantes dos empréstimos linguísticos. As modificações não são determinadas apenas no nível fonético-fonológico, mas se estendem ao morfológico e ortográfico. Os sentidos também podem modificar e, são quase imperceptíveis empréstimos na sintaxe.

## **2.4 Enriquecimento Lexical e Empréstimos Linguísticos**

Tomando como foco as assertivas anteriores, compreendemos que a formação do léxico está ligada e subordinada ao contexto histórico, sociocultural, político e tecnológico em que vivemos. A sua formulação perpassa por processos globais instituídos

no decurso da história das línguas e da própria sociedade. Neste sentido, Carvalho (2009, p. 19) define léxico da seguinte maneira:

Em sentido lato, é sinônimo de vocabulário. É o inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua. Sendo a menos sistemática das estruturas linguísticas, o léxico depende, em grande parte, da realidade exterior, não linguística.

Para Trask (2004), o mecanismo mais importante que contribui para o léxico é a criação de novas palavras a partir daquelas já existentes na própria língua. Ele reconhece ainda que existem vários processos de formação lexical nos quais é explorada a possibilidade de combinar de maneira inovadora os morfemas (radicais, prefixos, sufixos) pré-existentes e outros baseiam-se na atribuição de novos sentidos a palavras já em uso. Desta forma, a criação endógena de palavras é mais produtiva do que o uso de empréstimos linguísticos.

Carvalho (2009), por sua vez, enfatiza que os empréstimos linguísticos são tão antigos quanto a própria língua e sua história. O uso de vocábulos oriundos de outras línguas marca a cultura por meio dos elementos linguísticos estrangeiros por ela adotados ou incorporados. Para a autora (1989), é uma forma produtiva de renovação lexical.

Faraco (2001), Garcez e Zilles (2001) e Paiva (2001), entre outros, contrários à ideia de que os empréstimos são ameaças à LP, defendem que esses vocábulos fazem parte das transformações linguísticas pelas quais passam todas as línguas e a língua é construída e reconstruída pelas pessoas que dela fazem uso. Assim, os empréstimos da LI não podem ser tidos como ameaça à língua-materna (LP), uma vez que ocorrem, principalmente, em nível lexical não interferindo na estrutura gramatical da língua que é viva. Algumas palavras renovam os seus significados, algumas permanecem e outras caem em desuso. Mesmo que conservem a grafia original, os empréstimos de fonemas são raros, pois os falantes aplicam nas palavras estrangeiras seus sistemas fonológicos, desenvolvidos dentro da língua materna.

Na mesma direção, Schmitz (2002) assinala que as línguas são palcos de mestiçagem e de interculturalidade, não são fortalezas da nacionalidade e a presença de estrangeirismos não ameaça a cultura brasileira amplamente definida como literatura, música, teatro, folclore e dança.

Podemos concluir, portanto, que o uso de empréstimos linguísticos provenientes de várias línguas integra, historicamente, a formação do PB. No Brasil, desde 1500 ou mesmo antes e indiretamente, na sua formação primeira ainda restrita a Portugal, o sincretismo linguístico fez parte de nossa língua. Apesar da presença maciça dos anglicismos, não representa ameaça em relação a uma modificação mais severa ou drástica que possa culminar com a dizimação da LP. A renovação lexical está vinculada a questões socioculturais, inclui-se nelas o avanço tecnológico e surgimento de novos objetos e comportamentos. Os neologismos possuem grande força na renovação interna da língua. Assim, os termos estrangeiros fazem esse papel em um número bem menor e a maioria são empréstimos lexicais ou semânticos utilizados como signos híbridos resultados por processos transglóssicos e transculturais que envolvem a LI e a portuguesa em contato. Há processos de adaptação e as palavras estrangeiras são revisitadas com o timbre e moldura do PB operando mudanças fonológicas, morfológicas, semânticas e, de maneira mais restrita, sintáticas.

Carvalho (2009, p. 49-72) classifica os empréstimos linguísticos de acordo com a:

1) **Origem:**

- a) *Íntimo*: Proveniente da convivência de duas línguas em um mesmo território;
- b) *Dialetal*: Realiza-se entre falares da mesma língua. São variantes regionais, sociais e jargões especializados;
- c) *Externo ou cultural*: Resultado dos contatos políticos, sociais, comerciais e militares entre os povos.
- d) *Hibridismo*: Compostos por elementos provenientes de duas línguas diferentes.

Admite, ainda, as subdivisões em anglicismo, galicismo, italianismos, latinismos, etc.;

2) **Função, intenção ou necessidade de uso:**

- a) *Conotativo*: Tem função expressiva. É um recurso estilístico ou de expressividade.



- b) *Denotativo*: Tem função referencial e introduz um objeto ou conceito novo, de acordo com a língua e cultura exportadora.
- 3) **Fase de adoção**:
- a) *Estrangeirismo*: É a palavra estrangeira, usada na língua importadora. É o termo na fase de adaptação e instalação. Poderá ser adotado, rejeitado ou substituído;
  - b) *Empréstimo*: São feitas adaptações de qualquer tipo na língua importadora;
  - c) *Xenismo*: Não há adaptações na língua importadora. A palavra permanece com na língua original.
- 4) **Formas de derivação**:
- a) *Direto*: Deriva diretamente da língua fonte.
  - b) *Indireto*: Tem a língua fonte como intermediária no processo de adaptação.
- 5) **Forma de adoção**:
- a) *Decalque*: É a tradução literal da palavra ou locução;
  - b) *Adaptação fonética, morfológica e ortográfica*:
  - c) *Incorporação na forma original*: Preserva-se a forma original, apenas com a consequente adaptação fonética.
  - d) *Simple*: Constituído de apenas uma unidade lexical.
  - e) *Composto*: Constituído de duas ou mais unidades lexicais.
  - f) *Completo*: Adoção do conjunto significante para o significado já existente na língua;
  - g) *Incompleto*: Uma nova forma substitui um significante já existente com o mesmo significado

Como apoio para a análise dos dados foi utilizada a classificação da autora, em especial no que se refere às formas de adoção dos empréstimos linguísticos, fases de adoção e formas de derivação. Serão consideradas as formas de adoção do item “a” ao “e”, pois as formas completa e incompleta não são pertinentes aos nomes dos esportes verificados na pesquisa.

### 3. *Corpus* da Pesquisa e Procedimentos

O *corpus* de pesquisa é composto pelo conteúdo do VOLP (disponibilizado no site da Academia Brasileira de Letras) acessado nos meses de abril a junho de 2015 e do DHLP (2009), versão eletrônica.

O VOLP se compõe de duas partes consideradas para a análise e disponíveis em arquivos no site separadamente: o vocabulário de LP e o vocabulário de estrangeirismos. Na sua 5ª edição, contém 381.000 verbetes. Previamente foi elaborada uma lista de 230 nomes de esportes incluindo suas variações de uso, retirados de pesquisas realizadas em sites oficiais de Jogos Olímpicos (Verão e Inverno), Paralímpicos e esportes radicais, conteúdos de sites de programas televisivos esportivos e em livros que tratam sobre esportes. Para o primeiro, o sistema de busca foi realizado com base na lista. Quanto ao segundo, foram analisadas na íntegra todas as entradas compiladas no documento e listadas separadamente aquelas relacionadas aos nomes de esportes.

Conforme informações disponíveis no prefácio da obra, o DHLP teve como idealizador o professor, pesquisador e lexicólogo Antônio Houaiss (1915-1999). Teve seu primeiro dicionário publicado postumamente por sua equipe em 2001, como resultado de um longo trabalho iniciado em 1986. Atualmente, as suas várias edições e versões são conhecidas e reconhecidas em diversas áreas do saber, especialmente no âmbito acadêmico e no escolar. A edição em análise, disponível nas versões impressa e eletrônica, apresenta 146 mil entradas. Nessa obra, a busca foi realizada a partir da lista citada anteriormente. Em cada verbete observamos sua definição, se era considerado esporte, e selecionamos aqueles que apresentavam em sua etimologia a origem na LI.

Foi obtido um total de 65 unidades lexicais, considerando suas variações apresentadas nos verbetes (como entrada ou não). Para analisá-las, organizamos, primeiramente, em um quadro em que continha a sistematização das unidades lexicais registradas, os nomes originais em LI, como os lexemas estavam registrados no VOLP e no DHLP e a definição apresentada nos verbetes do DHLP, incluindo a etimologia e datação.

No aspecto teórico, para a organização, sistematização e análise dos empréstimos de unidades lexicais que nomeiam esportes nos registros escritos, recorreremos à classificação de Carvalho (2009), principalmente em suas teorias que tratam da origem, formas e fases de adoção do empréstimo linguístico e as formas de derivação.

#### 4. Unidades Lexicais x Esportes

Nesta parte analisaremos o quadro organizado a partir dos itens descritos brevemente acima com base nas 65 unidades lexicais encontradas nas entradas e verbetes do VOLP e DHLP.

Quanto à **origem**, evidentemente, todos são externos e culturais, uma vez que na essência este texto foi escrito com base neste quesito.

Constatamos a presença de **hibridismo** na escrita, ou seja, compostos por elementos provenientes de mais de uma língua, na origem das unidades lexicais:

- a) *Enduro* - empréstimo do inglês e consta em seu registro a origem anterior na língua francesa (*endurance* –ance + do sufixo “o” (latim));
- b) *Iatismo* - iate –do ing. *yatch* – tipo de embarcação usada para lazer, em corridas ou cruzeiros + ismo (sufixo grego);
- c) *Kartismo*, também registrado como cartismo = *kart* (carro de corrida de pequena dimensão) + -ismo (sufixo grego);
- d) *Motociclismo* = motociclo – do inglês *motorcycle* + ismo (sufixo grego);
- e) *Polo* – empréstimo do inglês com origem asiática. Assimilou as características fonéticas LI e chegou ao PB;
- f) *Esqueitismo* – esqueite (inglês- *skating*) + ismo (sufixo grego);
- g) *Tênis* – do inglês com origem na palavra “*tenez*” (francês). Na LI mudou sua grafia e característica fonética.

Podemos observar que os sufixos do grego e latim são heranças linguísticas, já estão incorporados ao Português do Brasil. Os elementos do francês, já no uso moderno da língua, se constituem em empréstimos que percorreram a LI, receberam as alterações com base no sistema da língua e chegaram ao PB por seu intermédio para serem novamente remodelados.

O hibridismo se estende aos demais nomes de esportes em uso, se atentarmos para as características fonético-fonológicas, morfológicas, ortográficas, semântica e sintaxe. Porém, aqui destacamos o hibridismo dos estrangeirismos trazido para a LP, marcados na escrita dos vocábulos.

No que se refere à **função, intenção ou necessidade de uso**, o uso **conotativo** é menos predominante que o denotativo. O uso conativo tem função expressiva, é um recurso estilístico depende do momento. Pode ser social ou individual e é resultante de uma influência cultural. Foi identificado no uso de *mountain bike*, pois mesmo que haja a variante “bicicleta da montanha”, a maioria das pessoas a desconhecem. Da mesma maneira, *off-road* é mais encontrado do que “fora da estrada”.

Embora não façam parte do acervo do VOLP e DHLP, é pertinente destacar que há esportes criados no Brasil que recebem nomes ou contêm termos em inglês, como *acqua ride* (*acqua* = água – do latim/italiano + *ride* = passeio, cavalgar sobre, andar sobre – do inglês) – criado nos anos 70 e oficializado em 1997<sup>3</sup> e *sandboard* (*sand* = areia + *board* = prancha) – criado em 1986 com base no *snowboard*. As categorias do *sandboard* também recebem nomenclaturas em inglês: *big air*, *slope*, *boardercross* e *slalom*.<sup>4</sup>

O uso conativo de xenismos/estrangeirismos ou de empréstimos que deixam transparecer sua característica estrangeira, são culturalmente permeados de ideias de *status*, beleza, modernidade, de que o seu uso representa prestígio linguístico-social, é atraente, por boa parte das pessoas comuns às quais estão incluídos os praticantes de esportes, empresários e outros profissionais (JUSTINA, 2006). Entretanto, esse pensamento não é pertinente somente às pessoas comuns. Comungam a mesma opinião jornalistas, publicitários e outros formadores de opinião.

O uso **denotativo**, ou seja, aquele que tem função referencial que introduz um novo objeto, no caso, um novo esporte, de acordo com a cultura exportadora, é predominante, conforme já mencionado, considerando que as ciências da saúde que tratam das práticas esportivas possuem seu maior número de publicações feitas em inglês. Além disso, a mídia que divulga novos esportes e discute aqueles que já se estabilizaram no uso linguístico, segue uma tendência de manter a palavra na sua forma original. Os neologismos nos esportes, geralmente, chegam junto com a sua prática e adoção no cenário brasileiro.

Nas fases de **adoção**, observamos que os estrangeirismos no VOLP são apresentados em vocabulário separado das unidades lexicais de LP e dispostos em

---

<sup>3</sup> Veja: [www.acquaride.com.br](http://www.acquaride.com.br)

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.efdeportes.com/efd149/sandboard-historico-contexto-e-iniciacao.htm>

arquivos separadamente. No DHLP são constituintes do corpo da obra, dispostos em ordem alfabética e se diferenciam por serem grafados em itálico.

Em ambos, os estrangeirismos se confundem com xenismos, especialmente pelo *corpus* ser escrito. Para apresentá-los aqui, analisamos todas as unidades lexicais relacionadas com esportes registradas no Vocabulário de Estrangeirismos do VOLP bem como as entradas do DHLP ligadas aos esportes, italizados e com etimologia de LI.

	Estrangeirismos/ xenismos	Empréstimos
Registros no VOLP	<i>Handball, autocross, badminton, baseball, basketball, body-board</i> (lexema associado a <i>bodyboarding</i> ), <i>bungee-jump</i> (salto praticado no <i>bungee jumping</i> ), <i>catch, catch-as-catch-can, cooper, cricket, cross-country, cross-over, enduro, footing, hockey, jogging, karting, motocross, rafting, raid, rallye, skating, sprint, squash, surf, surfing, trekking, volley, volleyball.</i>	Aeróbica, handebol, beisebol, basebol, basquetebol, basquete, boxe, críquete, futebol, futevôlei (criado no Brasil – foot < fute(bol) + volley < vôlei), golfe, hóquei, iatismo, cartismo, motociclismo, pingue-pongue, polo (lexema registrado mas não como esporte), pugilismo, raide, rali, rúgbi, esquetismo, surfe, tênis, vôlei, voleibol, windsurfe.
Registros no DHLP	<i>Handball, badminton, baseball, basketball, body-board</i> (lexema associado a <i>bodyboarding</i> ), <i>bungee-jump</i> (salto praticado no <i>bungee jumping</i> ), <i>catch, catch-as-catch-can, cooper, cross-country, enduro, footing, jet ski, jogging, karting, motocross, mountain bike, off-road, polo, rafting, rally, rallye, rugby, skating, sprint, squash, surf, trekking.</i>	Aeróbica, handebol, handebol, beisebol, basebol, basquetebol, basquete, bicicleta de montanha, boxe, críquete, futebol, futevôlei (criado no Brasil – foot < fute(bol) + volley < vôlei), golfe, hóquei, iatismo, kartismo, cartismo, motociclismo, pingue-pongue, polo, pugilismo, raide, rali, rúgbi, esquetismo, surfe, tênis, vôlei, voleibol, windsurfe.

Algumas unidades lexicais são apresentadas como estrangeirismo/xenismo e também empréstimos como andebol/handebol/*handball*, beisebol/basebol/*baseball*, basquetebol/basquete/*basketball*, cartismo/kartismo/*karting*, bicicleta da montanha/*mountain bike*, rali/*rally/rallye*, rúgbi/*rugby*, esquetismo/*skating* e vôlei, voleibol, *volley, volleyball*. Se atestadas pelos autores, compreende-se que reconhecem o uso das duas formas ou mais. Entretanto, a locução “bicicleta da montanha”, além de não ser usada na linguagem do dia a dia, não foi apresentada como entrada. Das unidades lexicais listadas, se observarmos a linguagem dos sites oficiais de esportes e livros, o uso predominante se divide entre os estrangeirismos/xenismos como *rugby, skating* ou simplesmente *skate, karting, rally, mountain bike*. Na condição de empréstimos, como varáveis estão handebol, beisebol, basquetebol ou basquete, vôlei ou voleibol. Optamos por manter as

unidades lexicais *bungee-jump* e *body-board*, mesmo não constadas especificamente como léxicos nominais dos esportes, mas pela relação direta com eles.

No que tange à forma de **derivação direta** (diretamente da língua fonte) e **indireta** (a língua fonte é intermediária e tem origem em outra língua), recorreremos à etimologia e dados apresentados nos verbetes do DHLP. No VOLP a origem em LI é mostrada apenas no arquivo de estrangeirismos contando que na lista de vocabulário de LP (palavras incorporadas, aportuguesadas) não há indicação da origem dos vocábulos.

A derivação direta faz parte da maioria das unidades lexicais nominativas de esportes de LI. Excetuam-se as seguintes unidades lexicais que são derivadas de forma **indireta**:

- a) *Enduro* – do inglês, com origem no francês “*endurance*” (capacidade de resistir a esforço prolongado). Foi criado com troca do sufixo *-ance* pelo termo latino *-o*;
- b) Golfe – do inglês *golf*, ligado ao holandês *kolf* = pau, bastão;
- c) Polo – do inglês com origem asiática;
- d) Tennis - do inglês com origem no lexema do francês – *tenez* (segurai, tomai, pegai).

Para as unidades lexicais derivadas de forma direta nos nomes de esportes, não estão contempladas as línguas de herança que serviram à formação do inglês, como o latim, línguas germânicas, etc., como fonte, pelo fato de serem constituintes da essência da LI, as quais assumiram as reformulações evolutivas determinantes do inglês moderno. As unidades lexicais derivadas de forma indireta aparecem em poucos casos e têm sua maior parte originária da língua francesa.

As **formas de adoção** dos estrangeirismos consideradas serão decalque, adaptação fonética, morfológica e ortográfica e incorporação na forma original.

- a) Como *decalque*, ou seja, a tradução literal da palavra ou locução, verificamos as locuções:
  - “Bicicleta da montanha” correspondente a *mountain bike*;
  - “Fora da estrada” correspondente a *off-road*.

Em ambos os casos, as locuções não são apresentadas como entradas no DHLP, mas aparecem como sinônimo nos verbetes. O VOLP não as apresenta em seus verbetes.

b) *Adaptação fonética, morfológica e ortográfica:*

As adaptações fonéticas estão no primeiro nível de revisitação do estrangeirismo e transformação em empréstimo linguístico. Predominantemente, é a primeira mudança pela qual passam fonemas que não fazem parte do sistema fonológico da LP. Em alguns nomes de esportes, podemos verificar uma mudança gradual iniciada por adaptações fonéticas que influenciaram nas alterações morfológicas e ortográficas das palavras.

Abre-se um parêntesis para que seja estabelecido um paralelo nas diferenças fonéticas pelo fato de implicar diretamente na grafia da maior parte dos esportes que passaram por mudanças. Mesmo que alterações não sejam detectadas na morfologia, ortografia, semântica ou sintaxe, dificilmente passam despercebidas pelo nível fonético.

*basketball* ['ba:skɪtbɔ:l] > basquetebol [baskɛtɔi'bɔw]

*baseball* ['beɪsbɔ:l] > beisebol [bejze'bɔw]

*boxing* ['bɒksɪŋ] > boxe ['bɒksɪ]

*cricket* ['krɪkɪt] > críquete ['kɪkɪ'tʃi]

*croquet* ['krəʊkeɪ] > cróquet ['krɔkɛ'tʃi]

*football* ['fʊtbɔ:l] > futebol [fute'bɔw]

*golf* [gɒlf] > golfe ['gɔwfi]

*handball* ['hændbɔ:l] > handebol e handebol [ãde'bɔw]

*hockey* ['hɒki] > hóquei ['xɔkej]

*jet skiing* ['dʒet 'ski:ɪŋ] > jet ski [ʒɛ'tʃi'ski]

*karting* [kɑ:tiŋ] > kartismo e cartismo [ka'tʃɪsmu]

*ping-pong* ['pɪŋpɒŋ] > pingue-pongue ['pĩŋi'pɔŋi]

*polo* ['pəʊləʊ] > polo ['pɔləʊ]

*pugilism* ['pju:dʒɪlɪzəm] > pugilismo [puʒi'lɪzmu]

*rally* ['ræli] > rali [xa'li]

*rugby* ['rʌŋbi] > rúgbi ['xʌŋibi]

*skating* ['skeɪtɪŋ] > esquiteismo [iskej'tʃɪzmu]

*surf* [sɜ:f] > surfe ['sɜrfi]

*volleyball* ['vɒlibɔ:l] > voleibol [volej'bɔw]

*windsurf* ['wɪndsɜ:fɪŋ] > windsurfe ['uĩndisu'tʃi]

Um aspecto importante a ressaltar é que no caso de hóquei, o registro aparece somente com o “h” inicial (pronunciado similar ao fonema [x] na LP). Pelas normas da LP, o “h” inicial seria mudo. Desta forma, torna-se um signo mestiço e possui a propriedade de estender um fonema não usual no nosso sistema linguístico que se converte em alofone dentro do sistema fonético-fonológico da LP.

Quanto à morfologia, algumas palavras formadas de dois radicais (substantivos) passaram por alterações que resultaram em um único radical no processo de aportuguesamento. Há um elemento de composição pospositivo –bol, como nas unidades lexicais: futebol, basquetebol, handebol, beisebol e voleibol. A palavra futebol, por exemplo, forma derivados como futebolístico, futebolismo, futebolista. Basquetebol, handebol, beisebol e voleibol também geraram palavras derivadas. Na LP passaram ainda pela simplificação ou abreviação em que se exclui o elemento pospositivo –bol, pode ser verificado no uso dessas palavras: basquete, vôlei, beise e hande ou ande. “Basquete” e “vôlei” são atestados tanto no VOLP como no DHLP, “beise” e “hande” são mais usadas em interações informais.

Os esportes que passaram por sufixação (+ - ismo) são iatismo, cartismo, motociclismo e esquetismo.

Algumas palavras receberam o acréscimo de vogais temáticas aos radicais originados no inglês como *aeróbica*, *golfe*, *surfe*, *pugilismo*, *windsurfe*.

As mudanças ortográficas estão marcadas nas seguintes adaptações:

1. Letra como o “k” de *basketball* e o “ck” de *cricket*, *hockey* e “sk” de *skating*, foram substituídas por “qu” ou “c” por serem representativas do fonema [k] na LP: *karting* > *cartismo*; *cricket* > *críquete*; *hockey* > *hóquei*; *skating* > *esquetismo*.
2. A palavra “tênis” em sua grafia possui aspectos semelhantes à escrita na LI, suprimiu um “n” em um processo de simplificação de consoantes geminadas, que não fazem parte da estrutura da LP. No que se refere à fonética, possui sonoridade bem próxima à de LI: *tennis* [ˈtɛnɪs] > *tênis* [ˈtɛnɪs]. Outros nomes que passaram pela simplificação de geminadas são: *volley* > *vôlei*; *rally* > *rali* e o radical da língua inglesa *ball* modificado para o pospositivo –bol.

c) *Incorporação na forma original:*



Há unidades lexicais que no nível morfológico e ortográfico preservam a forma original em LI. No entanto, há consequentes adaptações fonéticas. Algumas das unidades lexicais elencadas nesta categoria aparecem em outras unidades lexicais adaptadas morfológica e ortograficamente. Optamos por citá-las em mais de uma categoria por representarem unidades lexicais diferentes, mesmo que sinônimas. A pluralidade de registros, pode ser concebida como aceitabilidade de diferentes usos.

São elas 37 unidades lexicais entre as atestadas: *handball*, *autocross*, *badminton*, *baseball*, *basketball*, *body-board* (associado a *bodyboarding*), *bungee-jump* (salto praticado no *bungee jumping*), *catch*, *catch-as-catch-can*, *cooper*, *cricket*, *croquet*, *cross-country*, *cross-over*, *enduro*, *footing*, *hockey*, *jet ski*, *jogging*, *karting*, *motocross*, *mountain bike*, *off-road*, *polo*, *rafting*, *raid*, *rally*, *rallye*, *rugby*, *skating*, *sprint*, *squash*, *surf*, *surfing*, *trekking*, *volley* e *volleyball*.

d) *Simples*, ou seja, constituído de apenas uma unidade lexical:

Aeróbica, *badminton*, boxe, *catch*, *Cooper*, *cricket*, críquete, *enduro*, *footing*, golfe, hóquei, iatismo, *jogging*, *karting*/kartismo/cartismo, polo, pugilismo, *rafting*, *rally*/*rallye*/*rali*, *rugby*/rúgbi, *skating*/esquitismo, *sprint*, *squash*, *surfing*/*surf*/surfe, tênis, *trekking*.

e) *Composto*: (possuem duas ou mais unidades lexicais)

*autocross* (*auto* + *cross*)

*baseball* > basebol > beisebol (*base* + *ball*)

*basketball* > basquetebol (*basket* + *ball*)

*bodyboarding* (*body*+*board*)

*bungee-jump* (*bungee* + *jump*)

Cartismo/kartismo – do inglês *kart* + sufixo –ismo, incorporado à LP com origem no grego

*catch-as-catch-can* (*catch* + *as* + *catch* + *can*)

*cross-country* (*cross* + *country*)

*cross-over* (*cross* + *over*)

*handball* >handebol >andebol/ (*hand*+*ball*)

Iatismo - o esporte em inglês é *sailing*, mas na formação do léxico “iatismo” juntam-se os termos “iate” (do inglês *yatch* – tipo de embarcação) + sufixo –ismo, incorporado à LP com origem no grego

*jet skiing* > *jet ski* (*jet* + *ski*)

*motorcycling* > motociclismo (*motor* + *cycling* + sufixo –ismo, incorporado à LP com origem no grego)

*motocross* (*moto* + *cross*)

*mountain bike* > bicicleta da montanha (*mountain* + *bike*)

*off-road* (*off* + *road*)

*ping-pong* > pingue-pongue (*ping* + *pong*)

*volleyball* > voleibol (*volley* + *ball*)

*windsurfe* > *windsurfe* (*wind* + *surf*)

Dentre os 230 esportes listados inicialmente, dos quais 128 eram originados na LI, somente 65 foram apresentados nas entradas e verbetes das duas obras em análise. Alguns daqueles apresentados são muito poucos usados, como *catch*, *catch-as-catch-can*, *cooper* (bastante difundido como uma atividade física nos anos 70 e 80, mas perdeu forças quanto ao número de adeptos e também o uso do termo foi reduzido) e *ride* ou raide. Há variações que são elencadas nas entradas ou verbetes, mas também passaram por processos de adaptação e sua forma original caiu em desuso: *basketball*, *baseball*, *handball*, *volleyball*. Esses xenismos dificilmente aparecem na linguagem do brasileiro. Por outro lado, dos 128 esportes, somados as suas variações, com origem na LI da lista de 230, apenas 63 são atestados pelas obras e dois apresentam somente unidades lexicais pertinentes, como *body-board* e *bungee-jump*.

Enfim, conforme o critério de análise adotado com base em Carvalho (2009), em relação aos vocábulos nominativos de esportes e, guiados por um *corpus* escrito, observou-se que:

1) Quanto à origem, a maioria dos termos é de origem externa ou cultural, sendo encontrados apenas sete hibridismos analisados como tal em sua origem, como estrangeirismo;

2) No que se refere à função, intenção ou necessidade de uso, há predominância do uso denotativo. O uso conotativo se alia à ideia de que é atrativo, moderno, é *status* usar uma língua estrangeira;

3) Nas fases de adoção, por se tratar de registros escritos, estrangeirismos e xenismos podem ser confundidos. Os empréstimos assimilam características da LP que com o tempo podem se aproximar mais, como no caso de *handball* > handebol > handebol. Nesse percurso as mudanças fonético-fonológicas desempenham um papel importante;

4) Em relação à forma de derivação, a direta foi a mais frequente, havendo somente quatro indiretas, sendo que nesta análise não se incluem as línguas de herança;

5) Nas formas de adoção, foram observados dois decalques, vinte adaptações fonéticas (sendo que essa está presente praticamente em todos os usos em maior ou menor grau), que geralmente implicam nas alterações morfológicas e/ou ortográficas.

## 5. Considerações Finais

Existem verbetes apresentados no VOLP que não foram considerados no DHLP e vice-versa. Por acaso, o número é igual: de três unidades lexicais para cada um. O primeiro, evidentemente, é menos rico em detalhes e somente apresenta as classificações gramaticais. Por si somente e sem recorrer a outra fonte, ficaria difícil em alguns verbetes identificar se realmente tratava da nomenclatura de um esporte. O segundo, DHLP, traz mais detalhes, mas em vários verbetes não apresenta um perfil textual mais organizado assegurando que é um esporte.

Mesmo que, na lexicografia, exista a necessidade de se respeitar um período de maturação do neologismo estrangeiro como garantia de que pertença ao léxico da língua, muitos nomes de esportes, já usados há muitos anos antes de 2009, não foram registrados. Por exemplo: corrida de *stock car*, *sandboard*, *curling*, *luge*, *short track*, *skeleton* que são vocábulos presentes em sites de campeonatos e jogos oficiais mundiais e não estão registrados em ambas as obras analisadas. Por outro lado, há outros pouco presentes no vocabulário de brasileiro que estão registrados. Não defendemos que os menos usados não devam estar presentes no acervo lexical das obras, ao contrário, mas que haja um equilíbrio e a justa consideração àqueles que usamos, lemos e ouvimos em nossas interações cotidianas. Concordamos com Carvalho (2011, p. 63) ao expor em entrevista

que “os critérios de inserção de um empréstimo numa obra lexicográfica devem ser, em primeiro lugar, a frequência de uso e a vulgarização do termo no uso geral”.

Na mesma direção, Biderman (2002) argumenta que a lexicografia moderna propõe uma nova atitude face ao acervo léxico da língua em que o dicionário deve recolher e registrar o vocabulário em circulação na comunidade de falantes, documentando a norma linguística de significados e usos.

Os empréstimos da LI nos nomes de esportes têm procedência de vários países que falam a língua (Inglaterra, Estados Unidos, Canadá), mas também de países que falam outras línguas como o Japão e Brasil, onde alguns esportes foram criados e receberam nomes baseados na estrutura da LI, estaria ilustrada a função conotativa. Podemos analisar a ocorrência sob dois prismas: o primeiro que a opção por um termo em inglês foi feita para facilitar a internacionalização do esporte, pois é o idioma da comunicação mundial, ao mesmo tempo, é a língua na qual se publica um maior número de obras na área da saúde e esportes; o segundo, é a busca de prestígio gerado pelo uso de uma palavra da LI, o que facilitaria a popularização do esporte e uma aceitação maior, embalada pelo *status* que o uso de outra língua pode representar no imaginário das pessoas.

Alguns esportes, mesmo que já tenham sido incorporadas ao sistema de LP, ainda registram suas formas originais estrangeiras como entradas. Entretanto, há palavras que deveriam aparecer como entradas e estão dispostas apenas nas definições ou como sinônimas nos verbetes.

As datações apresentadas são questionáveis muitas vezes pelo fato de não encontrarmos na história uma precisão exata em relação à instituição do esporte e, conseqüentemente, do registro da palavra. Conforme propõe Biderman (2002), o lexicógrafo não dispõe de muitas fontes confiáveis que lhe permitam estabelecer tais datações.

Para concluir, os vocábulos provenientes de outras línguas, dentre os quais destacamos os anglicismos, integram o léxico da LP, sem necessariamente ameaçar a estrutura da língua. Constituem-se em um acervo rico e representam o diálogo com outras línguas e culturas que nos permitem uma remodelação ao “jeitinho de falar brasileiro”.

Os esportes e as relações estabelecidas entre as pessoas a partir deles, quer seja no setor social, linguístico ou econômico, têm fortes laços com os aspectos culturais de uma comunidade linguística. São elementos que se relacionam e, constantemente, evoluem

com e pela língua. Compreender sobre o registro lexical dos esportes nos permite compreender outras ocorrências e características da nossa linguagem.

## Referências

ALVES, I. M. *Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira*. Revista Alfa, vol. 32, p. 1-14, 1988.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. *Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais*. In: ALFA – Revista de Linguística. Vol. 50, nº 02. São Paulo, 2006. p. 43-54.

BIDERMAN, M. T. C. O léxico. In: Oliveira, A. M. P. P.; Isquierdo, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2ª ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001.

\_\_\_\_\_. *Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro: o Aurélio e o Houaiss*. Revista Filologia Linguística, nº 5, p. 85-116, 2002.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa*. São Paulo: Ed. Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. & FARACO, C. A. Conversando com estudiosos de lexicografia. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (Orgs.). *Dicionários na Teoria e na Prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 63-65.

CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. B. *Neologia em Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CUNHA, C. F. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC-FAE, 1984.

DARIDO, S. C.; JUNIOR, O. M. S. *Para ensinar educação física – possibilidades de intervenção na escola*. Campinas-SP: Papyrus, 2007.

DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.

FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*. São Paulo: Ed. Parábola, 2002.

\_\_\_\_\_. Norma-padrão brasileira. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da Norma*. São Paulo: Editora Loyola, 2002. p. 37-61.

- GARCEZ, P. e ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos – desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos – Guerras em Torno da Língua*. São Paulo: Ed. Parábola, 2001. p. 15-36.
- GRIFI, G. *História da Educação Física e do Esporte*. Trad. Ana Maria Bianchi. Porto Alegre-RS: D. C. Luzzatto Editores Ltda, 1989.
- HOUASSIS, A. (Ed.). *Dicionário Eletrônico Houaiss-Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.
- ILARI, R. Transformações da Língua. In: PINSKY, J. (Org.) *O Brasil no Contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 150-167.
- JUSTINA, O. D. *Presença e Uso de Anglicismos no Cotidiano Brasileiro: a visão de pessoas comuns*. Cuiabá, MT: 2006. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso.
- MELO, V. A. *Dicionário do Esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- MOURA, G. *Tio Sam chega ao Brasil – a penetração cultural americana*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993 e 2003.
- PAIVA, V. L. M. A Língua Inglesa no Brasil e no Mundo. In: Paiva, V. L. M. (Org.). *Ensino de Língua Inglesa: reflexões e práticas*. Campinas, SP: Ed. Pontes, 1996.
- PENNYCOOK, A. *The Cultural Politics of English as an International Language*. London and New York: Longman, 1994.
- PERINI, Mário A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial. 2004.
- PILLA, É. H. *Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua*. Porto Alegre, RS: AGE Editora, 2002.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma Linguística Crítica – linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. In: Lacoste, Y. & Rajagopalan, K. (Org.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Editora Parábola, 2005. p. 136-159.
- SCHMITZ, J. O Projeto de Lei nº 1676/99 na Imprensa de São Paulo. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos – Guerras em Torno da Língua*. São Paulo: Ed. Parábola, 2002. p. 85-106.

STUBBS, R. *O Livro dos Esportes*. Trad. Alexandre Tuche *et all.* Rio de Janeiro: Agir, 2012.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Trad.: Rodolfo Ilari. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

## **LOANWORDS FROM ENGLISH LANGUAGE IN SPORTS NAMES: PROCESSES IN LEXICAL CREATION OF PORTUGUESE LANGUAGE**

### **ABSTRACT**

This article presents a reading of how lexical units naming the sports originated in the English language are presented in Orthographic Vocabulary of the Portuguese Language (VOLP) and also in Houaiss Dictionary of the Portuguese Language (DHLP). With theoretical basis in Carvalho and Faraco (2011), Carvalho (2009, 1989), Correia and Almeida (2012), Ilari (2007), Biderman (2002, 2001) among others, this research has in principle analyze what kind of processes these loanwords passed between the source language and the form recorded in vocabulary and the entries of the sources analyzed. At the same time, it observed absence of lexical units in current use.

**Keywords:** lexicology, loanwords, english language.

Recebido em 06/07/2015.

Aprovado em 27/07/2015.